



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP

PEDRO HENRIQUE DE AQUINO PEREIRA

**USO E VALORIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS EM
CAVALCANTE-GO**

PLANALTINA-DF

2023

PEDRO HENRIQUE DE AQUINO PEREIRA

**USO E VALORIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS EM CAVALCANTE
DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade UnB Planaltina como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza

Orientadora: Prof^a. Dra. Erina Vítório Rodrigues

PLANALTINA, DF

2023

USO E VALORIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS EM CAVALCANTE DE GOIÁS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade UnB Planaltina como requisito parcial
para conclusão do curso de graduação em
Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da
Natureza

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Erina Vitório Rodrigues
Orientadora – FUP/UnB

Prof. Dr. Joaquim Antonildo Pinho Pinheiro

MSc. Iara Oliveira Fernandes
Membro da banca

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à Deus e a todos que me apoiaram nessa jornada. À professora orientadora Erina Rodrigues, colegas de trabalho, amigos, família, especificamente aos meus avós que desde os meus primeiros dias de vida vem acompanhado meu desenvolvimento. Sou muito grato a eles (avós) pelo que tens feito por mim e só peço a Deus que retribua todo esse esforço com muita paz e felicidade. À direção do projeto PIBID, ofertado pela Universidade de Brasília, pela a oportunidade de contribuir na minha escola de inserção, na comunidade Kalunga Vão de almas, e assim como contribui, tenho adquirido mais experiência com a equipe escolar, grupo que acolheu o projeto da melhor maneira possível.

Memorial do autor

Em novembro de 1998, dia 27, por volta das 15 horas nascia Pedro Henrique de Aquino Pereira, filho de Nilza de Aquino da Conceição e Neuton Pereira dos Santos, ambos da mesma comunidade, Vão de Almas, município de Cavalcante, Goiás. Quando tinha nove anos foi um dos momentos mais difíceis na vida da minha família, pois minha mãe veio a óbito, deixando quatro filhos. E eu o mais velho, assim minha vó tomou conta da minha guarda e passando a cuidar de mim. Sou grato por tudo que meus avós fizeram e faz por mim até hoje, por mais que naquela época nosso acesso era muito mais precário, mas eles não desistiram de me incentivar a estudar. Saí de casa com 13 anos pra estudar em Cavalcante, pois na comunidade não tinha ensino médio, foram momentos bem difíceis em minha vida. Hoje eu sou a prova de que todo esforço e sofrimento valerão a pena um dia, para mim está valendo e muito. O estudo desse tema veio através da curiosidade de entender melhor sobre o conhecimento de meus ancestrais, assim ficará registrado tanto na minha memória quanto no meu trabalho, a ideia é contribuir com esses saberes com nossas futuras gerações. Deste modo, essas memórias serão guardadas e conservadas para que essas informações não fiquem de fora do nosso dia a dia na comunidade Kalunga Vão de almas.

RESUMO

O uso de plantas medicinais representa enorme importância, principalmente em comunidades rurais, onde a população pode ter limitação à aquisição de remédios farmacológicos. O território quilombola Kalunga, situada no município de Cavalcante-GO, tradicionalmente faz uso dessas plantas para fins medicinais. No entanto, a perda de territórios, mudança nos estilos de vida e a influência de práticas médicas ocidentais oferecem risco para preservação desse conhecimento ancestral. Assim, os objetivos do trabalho são: i) identificar a relação dos jovens com os conhecimentos medicinais Kalunga perdidos ao longo dos anos; ii) desenvolver um diálogo intergeracional sobre o uso das plantas medicinais; iii) registrar, a partir de consulta com alguns antigos moradores, o histórico do uso das plantas medicinais no decorrer do tempo; iv) compreender a importância do uso das plantas medicinais na comunidade Kalunga Vão de Almas. O estudo foi realizado na comunidade Vão de Almas, no município de Cavalcante de Goiás, território Kalunga. A coleta de dados ocorreu no período de 04/04 à 09/05/2023, por meio um questionário online (*Google Forms*). Observamos as plantas medicinais mais utilizadas pela comunidade. A *Cinchona calisaya*, *weddRuta graveolens*, *Peumus boldus* e *Stryphnodendron*.

Concluimos que o presente estudo se torna também um registro importante para as comunidades, porque fortalece o vínculo tradicional e a troca de saberes envolvendo diversos Quilombos.

Palavras-chave: conhecimento tradicional, Kalunga, comunidade quilombola.

ABSTRACT

The quilombolas are revered warriors with knowledge of traditional rural cultural and traditional arts. The use of medicinal plants holds significant importance, especially in rural communities where the population may have limited access to pharmaceutical drugs. The research objectives of the study are: i) to identify the relationship of young people with the lost Kalunga medicinal knowledge over the years; ii) to foster intergenerational dialogue on the use of medicinal plants; iii) to document the historical use of medicinal plants over time, based on consultations with some long-time residents; iv) to understand the importance of using medicinal plants in the Kalunga Vão de Almas community. The study was conducted in the Vão de Almas community, in the municipality of Cavalcante de Goiás, the Kalunga territory. Data collection took place from April 4th to May 9th, 2023, using an online questionnaire (Google Forms). We observed a wide variety of medicinal plants used by the community, with quina, rue, boldo, and barbatimão being the most frequently used. This intergenerational dialogue shows us the need to value the knowledge and wisdom of communities. We identified that the research also becomes an important record for our communities because it strengthens traditional bonds and the exchange of knowledge involving various Quilombos.

Keywords: traditional knowledge, Kalunga, quilombola community

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Histórico dos Povos Kalungas.....	11
2.2 Uso Plantas medicinais	14
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	18
3.1 Área de estudo.....	18
3.2 Coleta de dados.....	19
3.3 Análise dos dados.....	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
4.1 Caracterização da população amostrada.....	20
4.2 Uso de plantas medicinais na comunidade Vão de Almas	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Planta medicinal corresponde à toda e qualquer planta que apresente, em qualquer um dos seus órgãos, substâncias que podem ser utilizadas para fins de tratamento ou prevenção de enfermidades (GADELHA et al., 2013). O uso de plantas medicinais representa enorme importância, principalmente em comunidades rurais, onde a população pode ter limitação à aquisição de remédios farmacológicos. Assim, é importante que os estudos sobre plantas medicinais leve em consideração o contexto social e cultural de uma comunidade (MASSAROTO, 2009).

O território Kalunga está localizado no município de Cavalcante Goiás no nordeste goiano, onde vivem hoje descendentes de escravos que carregam o uso de plantas medicinais como cultura de seus antepassados. Existem várias hipóteses para a formação deste quilombo, dentre elas vale citar: fuga de escravos, resistência à escravidão; defesa contra invasores, preservação cultural, dentre outras (FERREIRA, 2018; MUNIZ et al., 2016; RATTIS, 2011). O conhecimento que essas comunidades guardam em suas histórias é algo que não pode ser esquecido ou perdido, porque são informações que orientam as pessoas sobre as maneiras de usufruir dos recursos naturais. A importância da obtenção desse conhecimento e da relação dessas comunidades com a natureza, incluindo o uso das plantas medicinais, é essencial para preservar os saberes e os costumes dos antepassados.

No entanto, tem-se observado que os jovens (colocar faixa etária se tiver: entre tal idade e tal idade), desconhecem algumas práticas do uso de plantas medicinais, utilizadas pelos seus ancestrais. Tal realidade aponta uma preocupação acerca da importância de manter a continuidade dessa prática cultural nos povos Kalungas.

Considerando que o saber tradicional é valioso para essas comunidades, a preservação das plantas na natureza é algo relevante para sua sobrevivência. Atualmente, grande parte dessas plantas ainda são reconhecidas como a força da saúde Kalunga, dentro do quilombo essa conexão entre descendentes e os recursos naturais ainda possui forte convênio. Reconhecer essas histórias faz com que a identidade da comunidade fique mais rica no campo do conhecimento tradicional.

Vale mencionar, que o saber tradicional dos povos Kalungas sobre plantas medicinais é uma forma de conhecimento ancestral que tem sido transmitida oralmente de geração em geração. Esse conhecimento é resultado de uma estreita observação da natureza, experimentação empírica e interação direta com as plantas ao longo de muitas décadas (OLIVEIRA, 2020). Os Kalungas possuem uma compreensão profunda das propriedades curativas de diversas espécies vegetais e da forma correta de utilizá-las para tratar uma ampla gama de doenças e enfermidades (ARANTES e ALMEIDA, 2012).

Na comunidade Vão de Almas, que faz parte do território Kalunga, é possível observar a baixa participação dos jovens na produção de remédios locais, o que gera uma preocupação em relação a preservação dos conhecimentos ancestrais acerca da utilização de plantas medicinais. No entanto, a preservação desse conhecimento enfrenta desafios, como a perda de territórios, mudança nos estilos de vida e a influência de práticas médicas ocidentais, as quais podem resultar na erosão do conhecimento tradicional dos Kalungas sobre plantas medicinais. Portanto, é essencial valorizar e apoiar as comunidades Kalungas na preservação e transmissão do saber ancestral, reconhecendo sua importância e promovendo a colaboração entre os conhecimentos tradicionais e científicos (SILVA, 2013; UNGARELLI, 2009).

Diante do exposto, os objetivos do trabalho são: i) identificar a relação dos jovens com os conhecimentos medicinais Kalunga perdidos ao longo dos anos; ii) desenvolver um diálogo intergeracional sobre o uso das plantas medicinais; iii) registrar, a partir de consulta com antigos moradores da comunidade Kalunga Vão das Almas, o histórico do uso das plantas medicinais no decorrer do tempo; iv) compreender a importância do uso das plantas medicinais na comunidade em estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Histórico dos Povos Kalungas

Em 1722, quando Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, e João da Silva Ortiz fecharam o ciclo bandeirante, com a ocupação das terras centrais, surgiu o Estado de Goiás, em pleno ciclo do ouro e do garimpo. Os negros utilizados como mão de obra escrava andavam cansados da submissão e dos castigos sofridos na exploração das "Minas dos Goyazes". Muitos fugiram se escondendo nas matas, entre serras, em locais de difícil acesso. A partir disso foi iniciada a formação do quilombo Kalunga, nos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre. Os Kalungas são uma comunidade tradicional que habita o Brasil Central, especialmente nos estados de Goiás, Tocantins e Bahia. Ao longo dos séculos, essa comunidade desenvolveu uma relação íntima com a natureza e acumularam um vasto conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas que os cercam.(SOUZA,2013)

Os trabalhos publicados sobre o povo negro em Goiás, antes de 1970, não os apresentam como tema central. Nesse contexto, a temática negra não acompanhou as fases lógicas de estudos científicos realizados em outras áreas do país (BAIOCCHI, 1983). Isso reflete até os dias atuais, cujos estudos desenvolvidos com essa temática, não apresentam uma pesquisa aprofundada da realidade atual dos negros. Baiocchi (1999) ressalta que a província goiana define as comunidades negras "isoladas", que possuem uma história étnica e a construção cultural. Nesse sentido é impossível compreender o modo de vida dos Kalunga se não associarmos sua realidade com os recursos naturais da comunidade.

Marinho (2008) menciona quatro núcleos principais ou popularmente conhecidos como comunidades: Contenda, Engenho II, Ribeirão dos Bois,Vão de Almas, Vão do Moleque. Os povos Kalunga territorializaram e desenvolveram ações de resistência nesses espaços, frente aqueles que buscam privá-los do acesso ao território ancestral.

O período escravista e pós-escravista no Brasil se caracterizou por uma diversidade de situações decorrentes da reorganização da economia de base agrária.

Segundo Almeida (2015), não se pode falar em história agrária do país sem dimensionar a situação do negro, quer na sua condição de escravo, de aquilombado, liberto ou como sujeito de direito. Ainda segundo o autor, os remanescentes quilombolas, como os Kalunga, têm na territorialidade seus lócus material e simbólico, que fundamenta sua visão de mundo. Essas comunidades representam uma importante força política, cujo potencial pode ser direcionado a seu favor por meio de uma resistência firme, organizada, atuante e mobilizadora, postura que lhes proporciona visibilidade como sujeitos de direito, de conhecimento e, acima de tudo, de voto. Esses fatores, por sua vez, são fundamentais para confrontar as forças contrárias e poderosas que ainda ameaçam as conquistas históricas alcançadas com grande dificuldade em prol dessas comunidades e das gerações futuras.

Na história de Cavalcante consta que antigamente nas minas de ouro, no povoado que hoje se encontra aterrado São Felix já possuíam mais de nove mil pessoas prestando mão de obra por volta de 1722 a 1723, ou seja, pessoas sendo escravizadas. Os negros fugitivos do litoral e do arraial de Cavalcante se escondiam nos grotões, vãos de serras, e nos Vales do rio Paraná, um verdadeiro território africano com clima, fauna e flora apropriados ao povo Kalunga, que ali sobreviveu escondido por mais de 190 anos sem contato com a civilização,(SOUZA,2013). A história agrária recente do território Kalunga tem como marco legal importante a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e nos artigos 215 e 216. Desde 1991 toda a área foi reconhecida oficialmente pelo Governo do Estado de Goiás como sítio histórico: o patrimônio cultural Kalunga.

Por meio do uso sustentado dos recursos naturais, desenvolveram e desenvolvem até hoje um sistema produtivo que combina a prática da agricultura, caça, pesca, produção de utensílios domésticos, o uso de remédios do mato entre outros voltados para o autoconsumo das comunidades. Segundo Schneider (2003), os agricultores familiares também utilizam um sistema de troca de mercadorias com a sociedade envolvente, enquanto outros exercem atividades como empregado(a)s doméstico(a)s, prestadores de serviços assalariado e outras.

Segundo Costa (2013), o isolamento do povo Kalunga nos vãos do Rio Paraná e vales de serras foi uma forma de defesa contra senhores e os jagunços. O autor

descreve que eles tinham consciência da crueldade que sofriam e não queriam voltar para essa condição. Esse isolamento foi também sua força, que permitiu conservar seu modo de vida tradicional e sua identidade própria. Porque, quando foi abolida a escravidão, o povo Kalunga já não teria mais razão para se manter afastado da outra parte da sociedade brasileira. Mas, então, foi à sociedade brasileira que se afastou do povo kalunga.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado de Goiás conta com uma grande parte de afro descendentes com diversas expressões culturais. No nordeste do Estado está localizada o maior território quilombola do Brasil, no município de Cavalcante-GO, a comunidade Kalunga, com uma população de aproximadamente 8.000 quilombolas. O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é formado originalmente por negros descendentes de pessoas escravizadas que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo, há mais de 300 anos, num dos lugares mais bonitos do Brasil, a região da Chapada dos Veadeiros, no nordeste goiano. (IBGE, 2012, SOUZA, 2013).

De acordo com o decreto de 20 de novembro de 2009 da presidência da República, esse quilombo ocupa uma área de 261.999 hectares com 32 comunidades. Considerado o maior quilombo do país, a sua área fica localizada em três municípios vizinhos: Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre, todos no estado de Goiás. Ali moram cerca de duas mil famílias. Criado em 1991 pela Lei Estadual Complementar 11.409, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, o Quilombo Kalunga é traçado por serras e rios em todo o seu território, por isso é considerado não apenas uma riqueza cultural, mas também natural, já que o seu território é bastante preservado e cheio de riquezas naturais.

A Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas, onde está será desenvolvida a pesquisa, está situada no município de Cavalcante, a 76 km de distância da área urbana, em um local de difícil acesso. Em 2013, viviam na comunidade 215 famílias, cerca de 1.075 pessoas (COSTA, 2013).

2.2 Uso de Plantas medicinais

No quilombo Kalunga ainda encontra uma proporção grande de área conservada com diversas espécies de plantas, que incluem às plantas medicinais. Na comunidade Vão de Almas prevalece uma exuberância da flora, de onde são retiradas as plantas para preparação dos medicamentos tradicionais pelas pessoas que ali vivem.

As plantas medicinais são de suma importância para a saúde da comunidade e as mesmas fazem parte da biodiversidade conservada que ainda prevalece no Vão de Almas. Dentre os elementos que constituem essa biodiversidade, estão as plantas medicinais que são utilizadas em comunidades tradicionais, como remédios caseiros, sendo considerada a matéria-prima para fabricação de fitoterápicos e outros medicamentos (LEÃO, FERREIRA e JARDIM, 2007).

Para a comunidade Vão de Almas o conhecimento sobre as plantas medicinais é algo que deu suporte na antiguidade e vem sendo mantido vivo como um dos fatores mais importante para vida da mesma. As pessoas da comunidade consideram as plantas medicinais como a farmácia do cotidiano, para elas são dessas plantas que são retirados os remédios do mato que zelam da saúde da comunidade, desde seus povos ancestrais até os dias atuais. De acordo com Lopes et al. (2005), planta medicinal é toda planta que administrada ao homem ou animal, por qualquer via ou forma, exerça alguma ação terapêutica. O tratamento feito com uso de plantas medicinais é denominado de fitoterapia, e os fitoterápicos são os medicamentos produzidos a partir dessas plantas.

Grande parte da população mundial tem confiança nos métodos tradicionais relativos aos cuidados diários com a saúde e cerca de 80% dessa população, principalmente dos países em desenvolvimento, confiam nos derivados de plantas medicinais para seus cuidados com a saúde. Aproximadamente 25% de todas as prescrições médicas são formulações baseadas em substâncias derivadas de plantas ou análogos sintéticos derivados destas (GURIB-FAKIM, 2006). Tradicionalmente a comunidade entende-se que as vidas do povo kalunga se referem tradição, vive daquilo que viram nos antepassados, viver é conhecer, é saber do que usufruir nos momentos

mais difíceis em horas que a salvação é a natureza e a mentalidade que Deus proporcionou naqueles seres.

A vida é resumida naquilo que a natureza nos proporciona, pois ela é quem oferece o ser humano, na maior parte, a cura dos seus males. Caracterizada de diversas formas, as plantas medicinais vêm sendo exploradas há muitos anos, e suas influências faz com que memórias e histórias sejam repassadas às novas gerações. As plantas medicinais correspondem às mais antigas “armas” empregadas pelo homem no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, a utilização de plantas na prevenção e/ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade (MORAES e SANTANA, 2001).

Histórias contadas pela comunidade Vão de Almas relatam que há muitos anos esse meio vem sendo utilizado, porém, antigamente não era possível fazer registros, e uma maneira mais simples era o uso de cada geração para que essa identidade não fosse perdida, portanto, há uma dificuldade de se mensurar o tempo real em que a exploração dessas plantas iniciou na comunidade. Segundo Duarte (2006), os primeiros registros sobre a utilização de plantas medicinais são datados de 500 a. C., em um texto chinês que relata nomes, doses e indicações de uso de plantas para tratamento de doenças. Outros registros foram encontrados no manuscrito egípcio “Ebers Papyrus”, de 1.500 a. C., que continham informações sobre 811 prescrições e 700 drogas.

A utilização de produtos naturais, particularmente da flora, com fins medicinais, nasceu com a humanidade. Indícios do uso de plantas medicinais e tóxicas foram encontrados nas civilizações mais antigas, sendo considerada uma das práticas mais remotas utilizadas pelo homem para cura, prevenção e tratamento de doenças, servindo como importante fonte de compostos biologicamente ativos (ANDRADE, CARDOSO e BASTOS, 2007). Com todas as dificuldades algumas memórias resgatadas esclarecem que mesmo sem conhecimento científico, os mais velhos tinham seu domínio de quantidade, ou seja, a medida correta para o uso de alguns remédios, portanto nem todos podiam ser usados em alta quantidade.

Até o século XIX os recursos terapêuticos eram constituídos predominantemente

por plantas e extratos vegetais, o que pode ser ilustrado pelas Farmacopeias da época. Assim, na Farmacopeia Geral para o Reino e domínios de Portugal (1794), entre os produtos chamados símplices, constam 30 produtos de origem mineral, 11 produtos de origem animal e cerca de 400 espécies vegetais. Ou seja, as plantas medicinais e seus extrativos constituíam a maioria dos medicamentos, que naquela época pouco se diferenciavam dos remédios utilizados na medicina popular (SCHENKEL, GOSMAN e PETROVICK, 2000). As coisas foram evoluindo e tudo aquilo que era medicinal “do mato” juntamente com experimentos da ciência foram tornando em remédios farmacêuticos, muitos enganam a si mesmo, acreditando naquilo industrializado, deixando a principal fonte natural, ou seja, as plantas, que por sua vez possui apenas sua química natural e faz bem melhor para saúde da comunidade.

Apesar do grande avanço e evolução da medicina, a partir da segunda metade do século XX, as plantas ainda apresentam uma grande contribuição para a manutenção da saúde e alívio às enfermidades em países em desenvolvimento (SOUZA; FELFILI, 2006). Entre os principais motivos, encontram-se as condições de pobreza e a falta de acesso aos medicamentos, associados à fácil obtenção e tradição do uso de plantas com fins medicinais (VEIGA JUNIOR; PINTO, 2005). As plantas medicinais contribuem bastante na humanidade, pois é um único meio que a comunidade pode abraçar em diversas situações, atualmente com as inovações e após o contato com a urbanização algumas coisas facilitaram para comunidade, tais como acesso a hospitais, vacinas etc.

Os vegetais se apresentam como fonte de princípios ativos com ação farmacológica. Merece também destaque o importante papel dos vegetais na nutrição humana e na saúde pública, como fornecedores naturais de vitaminas e sais minerais – elementos indispensáveis para a higidez do organismo (WAGNER, 2003). Com a falta de oportunidade ao conhecimento, mesmo com várias transformações no dia-a-dia nem todos em comunidades tradicionais sabem o real significado da saúde pública, a alienação faz com que muitos seres humanos ainda mantenham a si mesmos reféns dos seus direitos.

O uso de remédios à base de ervas remonta às tribos primitivas, onde as

mulheres se encarregavam de extrair das plantas os princípios ativos para utilizá-los na cura das doenças. À medida que os povos dessa época se tornaram mais habilitados em suprir as suas necessidades de sobrevivência, estabeleceram-se papéis sociais específicos para os membros da comunidade em que viviam. O primeiro desses papéis foi o de curandeiro, personagem que desenvolveu um repertório de substâncias secretas que guardava com zelo, transmitindo-o, seletivamente, a iniciados bem preparados (SIMÕES; SCHENKEL; SIMON, 2001). Com o dom e a fé, aquela pessoa que conhecia mais sobre as plantas recebia um nome de raizeiro, acompanhado de benzimentos que tratavam as pessoas. Nos dias atuais nem todos têm essa fé continuada, e para os mais velhos a causa de muitas coisas que acontecem de mal de forma inesperada na comunidade, pode ser por falta de fé nas rezas antigas, as quais não seguem o seu padrão de antes.

Há também grande preocupação com perda do contato da juventude com as plantas medicinais, pois, a nossa biodiversidade é rica em plantas naturais, e os grupos culturais tradicionais, detentores do conhecimento da funcionalidade de tais plantas para fins medicinais, estão diminuindo. Um fator que pode a perder esse contato com a natureza nos próximos 100 anos. Assim, é necessário que se explore o máximo de conhecimentos desses grupos tradicionais residentes na comunidade, para evitar a extinção dessas tradições. Ademais, o conhecimento popular é desenvolvido por agrupamentos culturais que ainda convivem intimamente com a natureza, observando-a de perto no seu dia-a-dia e explorando suas potencialidades, mantendo vivo e crescente esse patrimônio pela experimentação sistemática e constante (ELISABETSKY, 1997).

As plantas medicinais representam a principal matéria médica utilizada pelas chamadas medicinas tradicionais, ou não ocidentais, em suas práticas terapêuticas, sendo a medicina popular a que utiliza o maior número de espécies diferentes (HAMILTON, 2003). Sendo assim há muitas possibilidades de encontrar a medicação eficaz para determinada enfermidade.

O aumento do consumo de plantas medicinais está provavelmente relacionado à deterioração das condições econômicas nos países do terceiro mundo

(HERSCH-MARTÍNEZ, 1995). Devido a esse fator, as plantas medicinais continuam ocupando lugar de destaque no arsenal terapêutico. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 80% da população mundial usam recursos das medicinas populares para suprir necessidades de assistência médica privada, podendo girar em torno de aproximadamente 22 bilhões de dólares (COSTA et al., 1998; YUNES; PEDROSA; CECHINEL FILHO, 2001). Dentre esses aspectos, a saúde é o principal fator indispensável para humanidade, o ser humano através de suas modificações às vezes acaba causando mais impactos no meio ambiente, é necessário compreendermos que a natureza é a fonte que transmite vida para todos os seres.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de estudo

O estudo foi realizado no município de Cavalcante de Goiás, território Kalunga (Figura 1). A comunidade Kalunga Vão de Almas localizada no mesmo município possui uma área de aproximadamente 60 mil hectares, composta por cerca de 1500 pessoas. A área está localizada no bioma Cerrado, com diferentes tipos de formação florestal como veredas, brejo, cerradão e matas de galeria. Essa variedade de formações florestais dentro da comunidade é importante para o desenvolvimento da diversidade de plantas presentes na região.

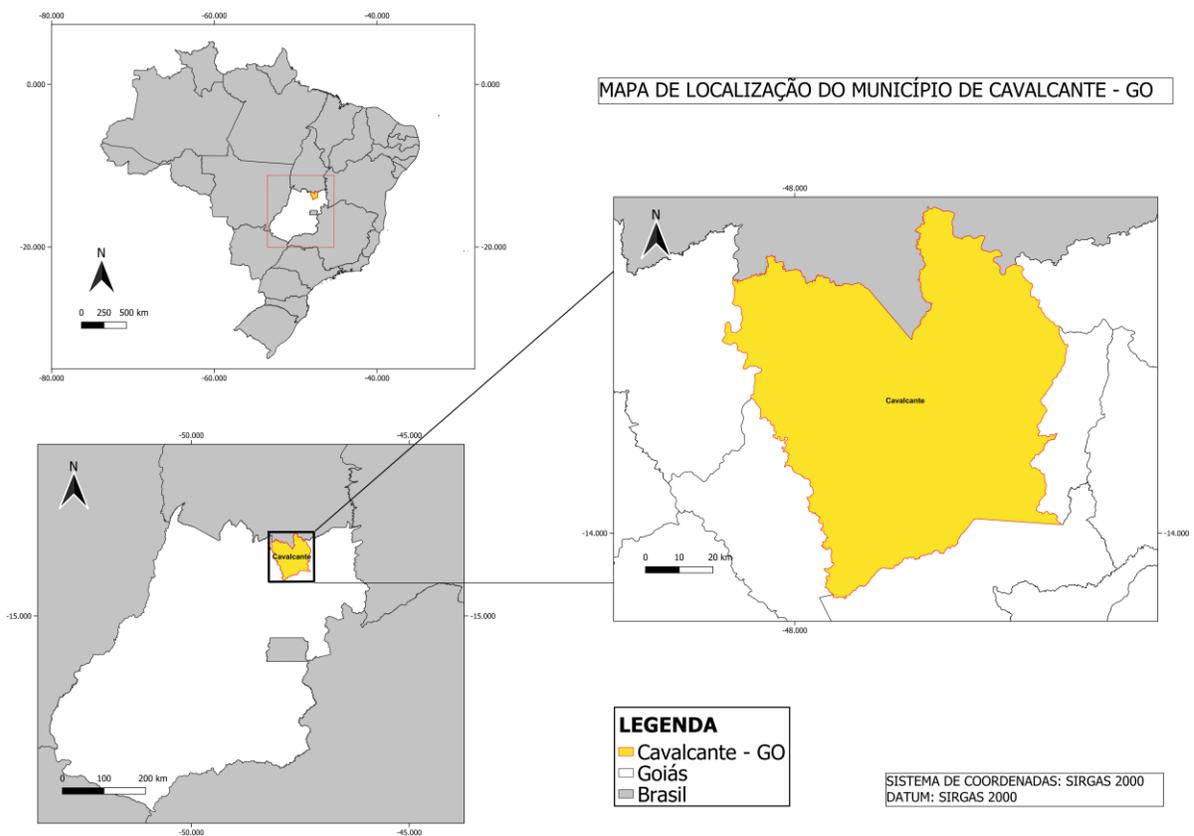


Figura 1. Mapa da localização do município Cavalcante de Goiás.

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu no período de 04/04 à 09/05/2023, por meio um questionário online (*GoogleForms*) com perguntas objetivas e subjetivas (Apêndice 1), utilizando a plataforma do Google e, de acordo com a necessidade foi realizada entrevista presencial, observando as normas de segurança devido à pandemia do *Coronavirus Disease-19* (Covid-19). Foram realizadas rodas de conversas e entrevistas para a pesquisa de campo na comunidade. O elemento de estudo desta pesquisa quali-quantitativa é um grupo de jovens Kalunga, porém, com a participação de adultos e idosos.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir do auxílio do gravador de voz, diário de campo e registros fotográficos. As questões norteadoras do roteiro são as descritas abaixo.

3.3 Análise dos dados

Após a coleta, os dados foram organizados em planilhas Excel. Foi Realizo o *checklist* para identificação de possíveis erros. Posteriormente, os dados foram organizados para obtenção de gráficos e interpretação dos resultados. Por fim, a análise descritiva foi realizada com base nos gráficos gerados pelo *Google Forms*.

As análises referentes à nuvem de palavras foram realizadas na plataforma *Mentimeter*. Os gráficos de frequência foram gerados com o auxílio do software R (R Core Team, 2020). As demais informações foram analisadas de forma a observar a existência de padrões ou tendências que possam ser exploradas na compreensão do objeto de estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização da população amostrada

A pesquisa desenvolvida na comunidade Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante Goiás, referente ao uso de plantas locais, contou com a colaboração de 25 pessoas entrevistadas, em sua maioria, sendo 95% nascidas na comunidade. Essas pessoas atualmente residem no Quilombo Kalunga colaborando e apoiando no fortalecimento da cultura. Houve uma representação maior do sexo masculino, sendo composto por 56% da pesquisa, e 44% feminino. Das pessoas consultadas 48% delas tem entre 20 e 30 anos, 24% até 20 anos, 12% entre 30 e 40 anos, e 16 % acima de 40 anos (Figura 2).

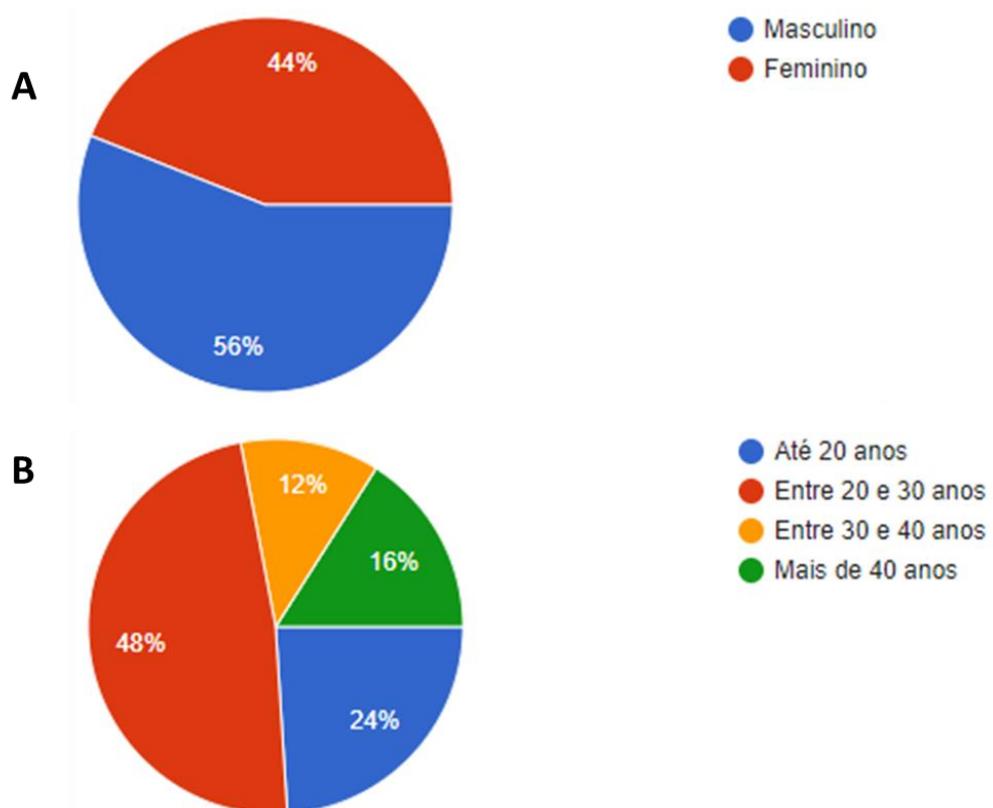


Figura 2. Caracterização da população amostrada A) sexo biológico, B) faixa etária. Cavalcante, 2023.

É notável que temos uma quantidade maior de estudantes, algo importante para comunidade, porque essas pessoas além de absorverem conhecimentos científicos, agregam junto ao seu entender comunitário. Percebe-se que a escola e as plantas medicinais têm um forte vínculo, ligando o saber científico com o saber empírico (MERA, ROSAS, LIMA, 2018). Cerca de 96% dessas pessoas consomem ou já consumiram remédios caseiros, sendo que todas elas cultivam em sua residência plantas medicinais. No entanto, 4% dos entrevistados informaram não terem consumido remédios naturais, justificando que a maioria dessas plantas não são saborosas para efetuar seu consumo, o que acaba fazendo com que as pessoas optem por usar o comprimido, por exemplo.

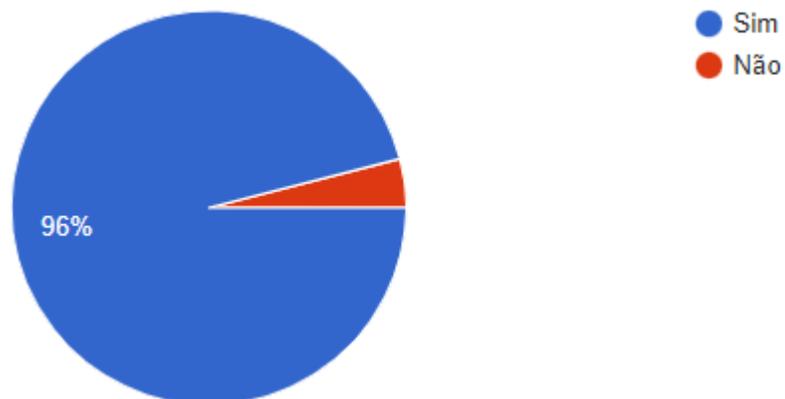


Figura 3. Percentual de entrevistados que usa algum tipo de planta medicinal. Cavalcante, Goiás, 2023.

Há uma grande representatividade em relação à ocupação dos entrevistados, desde estudantes e professores a lavradores e autônomos. Grande parte nascida no Quilombo Kalunga, 95% nos municípios de Cavalcante e 5% Monte alegre de Goiás.

4.2 Uso de plantas medicinais na comunidade Vão de Almas

Os entrevistados citaram cerca de 53 nomes de diferentes de plantas medicinais, que estão sendo utilizadas com maior frequência na comunidade Vão de Almas. Dentre elas destaca-se quina, arruda, algodão, boldo (Figura 4 e 5)



Figura 4. Plantas medicinais utilizadas pela amostra populacional. Cavalcante, 2023.

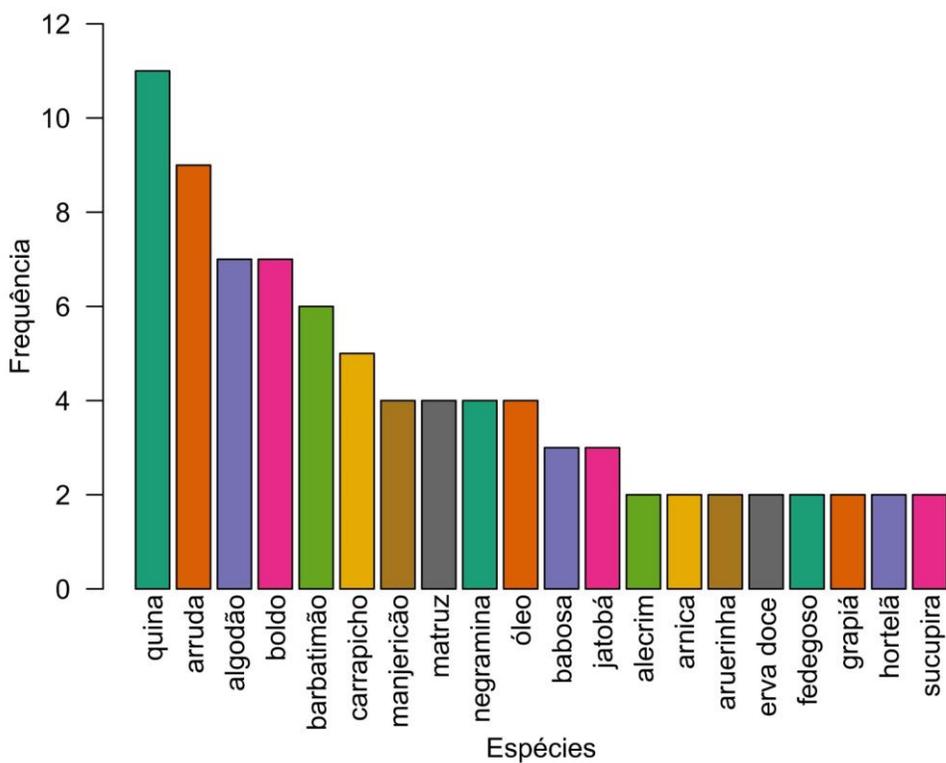


Figura 5. Frequência de plantas medicinais mais utilizadas pela amostra populacional

Ao analisar outros estudos percebemos a importância dessa interação de saberes. O boldo, a quina e a sucupira, por exemplo, também são utilizadas como plantas medicinais para diferentes enfermidades (MASSAROTTO, 2009). Das plantas apontadas no estudo, 90% é cultivado nas residências dos entrevistados, o que facilita o atendimento rápido a necessidade dos mesmos, além de evitar a demora a adquirir o medicamento em outro local. Devido a fragilidade do sistema de saúde para a assistência médica e a distância da comunidade dos centros urbanos, é essencial para os moradores a produção e extração local das plantas e dos recursos necessários para aliviar seus problemas.

Porém, a necessidade do armazenamento adequado e de administração de doses em horários fixos pode dificultar o uso dos medicamentos naturais comunitários, porque não é possível saber se as misturas irão apresentar transtornos indesejáveis a saúde. Os resultados encontrados neste trabalho são semelhantes a outro estudo, (SOARES,2019).

Analizamos que as mulheres possuem uma relação maior com esses remédios, essa relação pode estar associada às atribuições de cada gênero dentro da comunidade, geralmente os homens cuidam do trabalho fora de casa e as mulheres das atividades domésticas, e em caso de alguma enfermidade, a mulher é responsável pela oferta do medicamento.

Isto é um dos fatos que podemos emparelhar com a comunidade quilombola Vão de Almas, sendo algo que seguiu hierarquicamente de família por família. Como exemplo, temos Matriarca Kalunga nos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás, que é considerada detentora do conhecimento medicinal. Portanto, pode-se concluir que as comunidades tradicionais têm uma relação, quando comparadas as vivências dos povos, podendo ser observados padrões mesmo que as comunidades não tenham contato entre si.

Tabela 1. Plantas medicinais utilizadas na comunidade Vão de Almas.

Nome popular	Parte da planta	Indicações de uso
Capim de cheiro Cymbopogon	Folhas secas ou frescas	Calmante e digestivo

citratus

Capim São

JoséCynbopogon densiflorus Folhas frescas Febre e gripes

Açafrão

Curcuna longa linn Raiz Gripe, febre, dor de garganta

Alecrim

Salvia rosmarinus Raiz, folhas frescas Gripe, mal-estar no coração

Algodão

Gossypium hirsutum Folhas frescas Gripe

Alho

Allium sativum Sementes Gripe, resfriado

Andu

Cajanus cajan Folhas frescas Dor de estômago, resfriado, febre etc

Angico vermelho

Anadenantherama crocarpa Entrecascas Dor de dente

Arnica

Folhas secas Contusões, dores musculares e nas juntas, cicatrizante e anti-inflamatória

Solidago chilensis meyen

Aroeira

Schinus terebinthifolia Entrecasca Inflamações, rins, estômago, aparelho urinário, e cicatrizante

Aroeirinha

Schnus terebinthifolia Folhas frescas Inflamações de pancada, gripe

Arruda

Ruta graveolens Galhos com folhas secas e frescas Dor de ouvido, sarna, inflamação dos olhos e regulador de menstruação

Assa Peixe

Vernonia polysphaera Folhas secas Gripe bronquite tosse e sangramento

Babosa

Aloe vera Folhas frescas Recuperar lesões, aumenta a imunidade

Barbatimão

Stryphnodendron Casca do caule Cortes, sangramento pós-parto, diarreia e hemorroida

Baru

Dipteryx alata Semente e casca do caule Auxilia no parto de mulheres

Boldo

Peumus boldus Folhas frescas Problemas digestivos, ressaca alcoólica e estimulante do apetite

Cagaita

Stenocalyx dysentericus Folhas frescas, casca Auxílio de pressão alta

Camomila Matricaria chamomilla	Sementes	No auxílio de pressão alta
Carobinha Jacaranda decurrens	Casca, raiz	(Boba), doença conhecida pelos mais velhos, chaga no corpo
Carrapicho Cenchrus echinatus	Raiz, folhas frescas	Mal-estar no estômago
Carrapicho Cenchrus echinatus	A planta toda	Anti-inflamatório, e infecções intestinais
Carro Santo Cnicus benedictus	Sementes, raiz	Febre, gripe
Chapada	Casca do caule	Gripe
Chichá Sterculia apetala	Semente e Entre-Cascas	Mal olhado, picada se serpente
Chio-iô	Folhas frescas	Gripe
Copaíba Copaifera	Óleo	Cicatrizante, tumores, contusões, inflamações e doenças ligadas ao sistema urinário
Langsdorffii Cravo Syzygium aromaticum	Sementes	Dor de dente, gripe, dor de garganta
Erva Cidreira Melissa officinalis	Folhas secas	Pressão alta, dor de barriga, mal estar no coração, (acelerado)
Espanja	Galhos verde	Mal olhado, pós-parto, banho
Eucalipto Eucalyptus	Folhas frescas e seca	Gripe
Alfavaca Ocimum basilicum	Folhas frescas e sementes	Comida, uso da semente para retirada de cisco no olho
Fedegoso Senna macranthera	Folhas secas e raiz	Febre, doenças hepáticas, doenças da pele, doenças do fígado, e cistite
Gengibre Zingiber officinale	Raiz	Febre, gripe
Gapiá Apuleia leiocarpa	Raiz	Gripe, febre
Hortelã Mentha spicata	Folhas frescas e secas	Cólicas, estimulante do apetite digestivo
Imburana Commiphora leptophloeos	Sementes	Anti-inflamatória e no tratamento de problemas de pulmão
Ipê	Entre-Cascas	Fígado

Handroanthus Jatobá		
Hymenaea courbaril	Vinho extraído de sua madeira	Inflamação, gripe ferimento, ulcera e problema de estômago
Kalunga	Caule	Vermes, mal-estar no estômago
Laranja Citrus x sinensis	Folhas frescas	Febre, resfriado
Limão Citrus limon	Fruto e folhas frescas	Gripe, febre, dor de garganta
Mamona Ricinus communis	Semente, azeite	No auxílio do parto de mulheres
Mangaba Hancornia speciosa	Raízes, folhas, caule e leite	Cólica menstrual, luxações, hipertensão e emagrecedor
Manjericão Ocimum basilicum	Folhas frescas	Febre, gripe
Malva branca Abutilon Mastruz	Folhas frescas	Intoxicação, privação de ventre
Dysphania ambrosioides	Folhas, flores e raiz	Vermífugo, contusões e anti-inflamatório
Milona	Raiz	Vermes
Mutamba Guazuma ulmifolia	Entrecascas	Dor de barriga
Negramina Siparuna guianensis Aubl	Folhas frescas	Gripe, banho em mãe de recém parto
Noz-moscada Myristica fragrans	Sementes	Dor de barriga, ventre na barriga
Pacari Lafoensia pacari	Entrecascas	Inflamações de Feridas
Pau ferro Libidibia férrea	Entrecascas	Fígado
Pau Óleo Copaifera langsdorffii	Óleo	Próstata, gripe, limpar barriga
Pau terra Qualea grandiflora	Folhas frescas	Mal-estar no estômago
Peão Jatropha gossypiifolia	Folhas frescas, sementes	Mal olhado, dor de cabeça

Pequi Caryocar brasiliense	Folhas frescas	Fígado
Pimenta de Macaco Xylopi aromática	Entrecascas	Dor de coluna
Poejo Mentha pulegium	Folhas frescas	Remédios sigilioso que algumas mulheres usam, indicação entre elas
Puxa-puxa Inpaichthys kerri	Leite, Entrecascas	Dor de barriga
Quebra pedra Phyllanthus niruri	Raiz	Dor de coluna
Quina Chinchona calisaya wedd	Folhas frescas, entre cascas	Vermes
Romã Punica granatum	Fruto	Auxílio de limpeza no olho
São Caetano Momordica	Toda planta	Maleta, conhecida atualmente como febre Amarela, e para o fígado
Saúde das mulheres	Toda planta	Espasmos musculares, asma, E tratar câibras no estômago
Sucupira Pterodon emarginatus	Sementes	Infecções de garganta
Tatarema	Entrecascas	Mal-estar no estômago, fígado, rins
Típi Petiveria alliacea L	Folhas frescas, raiz	Mal olhado
Tiú	Raiz	Febre
Vassourinha Spermacoce verticillata	Galhos com folhas frescas	Quebranto em crianças, mal olhado
Verdadeira	Raiz	Mal olhado

Com base nos resultados, 100% dos entrevistados afirmam que todo esse conhecimento vem sendo passado entre as gerações (Figura 6). O uso das plantas medicinais é a opção mais viável para assistência à saúde dos moradores dessa

comunidade. Essa preferência pelo uso dessas plantas tem uma forte relação com as questões culturais e tradicionais da comunidade.

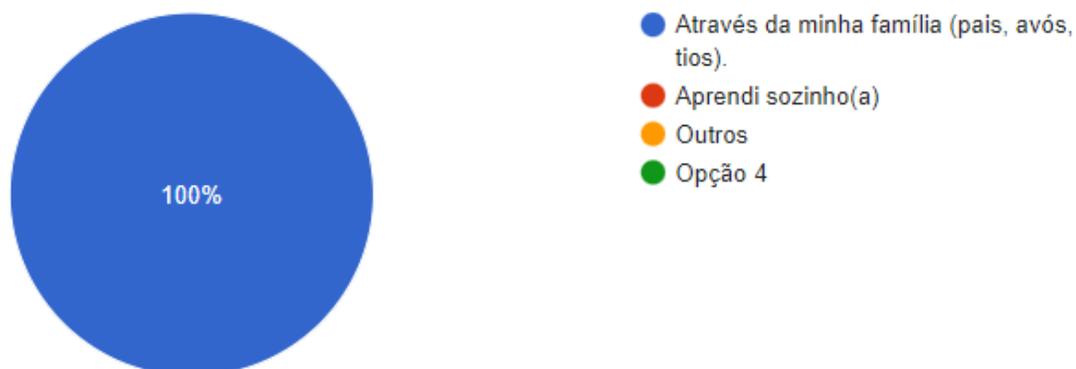


Figura 6. Aquisição do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. Cavalcante, GO.

De acordo com os resultados, 68% dos entrevistados acreditam que os costumes e saberes dessa prática sejam perdidos futuramente e 32% acreditam que raramente esses conhecimentos sejam deixados de lado dentro da comunidade (Figura 7). Tal resultado se dá principalmente devido ao baixo interesse das pessoas mais jovens da comunidade pelo tratamento com as plantas medicinais, e por isso, os desconhecem. Por isso, os idosos, com toda sua experiência de vida em relação a medicina tradicional, podem não conseguir passar seus conhecimentos para as próximas gerações, o que acarretará na perda da tradição.

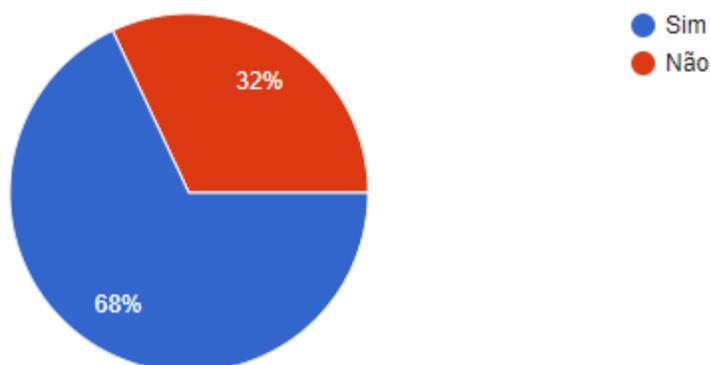


Figura 7. Há uma preocupação de se perder o costume do uso dessa prática no futuro próximo?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível perceber o quanto a educação do campo pode agregar, cada vez mais, os conhecimentos científicos aos saberes tradicionais e culturais dos povos que nascem e crescem em território campestre. Desse modo, a unificação desses saberes faz com que novos cidadãos do campo sejam formados, contribuindo para o desenvolvimento comunitário na comunidade que reside cada indivíduo. Este diálogo intergeracional nos mostra que é preciso valorizar os conhecimentos e saberes das comunidades, para entender o quão importante é manter esses conhecimentos vivos. Vale salientar que há deficiências na prestação de saúde, por parte do Estado, às comunidades de povos tradicionais Kalunga. Portanto, a alternativa é adquirir o conhecimento dos mais velhos acerca do uso das plantas medicinais, considerando o isolamento das comunidades, que vivem isoladas e distantes das farmácias e hospitais.

Assim, são de suma importância a obtenção dos conhecimentos advindos dos povos tradicionais acerca das plantas medicinais e seus usos. Ademais, é necessário que as comunidades busquem elaborar mais projetos a fim de facilitar a elaboração de novos registros e contribuir com a conservação desses saberes. Essa pesquisa se torna também um registro importante para as comunidades Kalunga, porque fortalece o vínculo tradicional e a troca de saberes envolvendo diversos Quilombos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria G. de. O território e a comunidade Kalunga: quilombolas em diversos olhares. **Revista da Universidade Federal de Goiás**, v. 7, n. 1, p. 266-271, 2015.

ANDRADE, S.F.; CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. **Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populnoic acid from bark wood of Austroplenckia populnea**. **Journal of Ethnopharmacoly**, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007.

ARANTES, Muryel Moraes; ALMEIDA, Maria Geralda. O saber fazer do povo Kalunga na conservação da biodiversidade do Cerrado em Goiás (Brasil). **Rev. Geo. UEG-Goiânia**, v. 1, n. 2, p. 51-70, 2012.

BAIOCCHI, M.N. **Kalunga: Povo da Terra**. Brasília: Ministério de Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BAIOCCHI, M.N. **Negros de cedro: estudo antropológico de um bairro de negros em Goiás**. São Paulo: Ática, 1983.

COSTA, A.F.E. et al. **Plantas medicinais utilizadas por pacientes atendidos nos ambulatórios do Hospital Universitário Walter Cantidio da Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 93-105, 2007.

COSTA, V. S. **A Luta pelo Território: histórias e memórias do povo Kalunga.** (Monografia). Licenciatura em Educação do Campo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DUARTE, M.C.T. **Atividade antimicrobiana de plantas medicinais e aromáticas utilizadas no Brasil.** Revista MultiCiência, n. 7, 2006.

ELISABETSKY, E.S.G.C. 1997: Etnobotânica, etnofarmacologia, medicina tradicional, fitoterapia. Revista Multiciencia, 18 de Março 2015.

FERREIRA, G. **História, memória, fronteira e alteridade em Lavrinhas de São Sebastião nas “Cartas de Goiás” de Carlos Pereira de Magalhães (1919-1925).** 2018. 108 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

GADELHA, Claudia Sarmiento et al. Estudo bibliográfico sobre o uso das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 8, n. 5, p. 27, 2013.

GURIB-FAKIM, A. **Medicinal plants: traditions of yesterday.** Molecular Aspect of Medicine, n. 27, p. 1-93, 2006.

HAMILTON, A. **Medicinal plants and conservation: issues and approaches.** [s.l.]: International Plants Conservation Unit, 2003.

HERSCH-MARTÍNEZ, P. **Commercialization of wild medicinal plants from southwest puebla.** Economic Botany, Mexico, v. 49, n. 2, p. 197-206, 1995.

LEÃO, R.B.A.; FERREIRA, M.R.C.; JARDIM, M.A.G. **Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil.** Revista Brasileira de Farmácia, v. 88, n. 1, p. 21-25, 2007.

LOPES, C.R. et al. **Folhas de chá.** Viçosa: UFV, 2005.

MARINHO, 2008, LIMA, 2013. Identidade território dos quilombolas do Jardim Cascata.

MASSAROTTO, Natália Prado. **Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas Kalunga e Urbanas, no nordeste do estado de**

Goiás-GO, Brasil. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MASSAROTTO, Natália Prado. Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas Kalunga e Urbanas, no nordeste do estado de Goiás-GO, Brasil. 2009.

MERA, Jackeline Cristel Elizabeth et al. Conhecimento, percepção e ensino sobre plantas medicinais em duas escolas públicas no município de Benjamin Constant-AM. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 13, n. 2, p. 62-79, 2018.

MORAES, M.E.A.; SANTANA, G.S.M. **Aroeirado-sertão: um candidato promissor para o tratamento de úlceras gástricas**. Funcap, v. 3, p. 5-6, 2001.

MUNIZ, M. B. M. **Reencontro de trajetórias: a constituição da territorialidade no Quilombo Urbano do Jardim Cascata**. 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

OLIVEIRA, I. C. G. **Proteção dos conhecimentos tradicionais associados: o caso da PCH na comunidade Kalunga de Cavalcante-GO**. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em Direito Agrário) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

RATTS, Alex. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. **NGUZU: revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos**, Londrina, v. 1, p. 28-39, 2011.

SCHENKEL, E. P.; GOSMAN, G.; PETROVICK, P. R. **Produtos de origem vegetal e o desenvolvimento de medicamentos**. In: SIMÕES, C. M.O. et al. (Ed.). Farmacognosia: da planta ao medicamento. 5. ed. Porto Alegre: Ed. UFSC, 2003.

SCHNEIDER, S. **A pluralidade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SILVA, Aneli Soares da. **Uso das plantas medicinais do Cerrado na Comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina – GO**. 2013. 46 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; SIMON, D. **O guia decepar chora de ervas: 40 receitas naturais para sua saúde perfeita**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SOARES, Valdirene Curcino Rodrigues. **Educação popular: saberes vivenciados no uso de plantas medicinais na comunidade quilombola Kalunga do Mimoso-TO.** 2019.

SOUZA, C.D.; FELFILI, J.M. **Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil.** Acta Botânica Brasileira, v. 20, p. 135-142, 2006.

UNGARELLI, Daniella Buchmann. **A comunidade quilombola kalunga do Engenho II: cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes.** 2009. 92 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VEIGA JÚNIOR, V. F.; PINTO, A. C. **Plantas medicinais: cura segura?** Química Nova, v. 28, p. 519-528, 2005.

WAGNER, K.H. **Biological relevance of terpenoids overview focusing on mono, di and tetraterpenes.** Annals of Nutrition & Metabolism, v. 47, p. 95-106, 2003.

YUNES, R.A.; PEDROSA, R.C.; CECHINEL FILHO, V. **Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil.** Química Nova, v. 24, n.1, p. 147-152, 2001

COSTA, VILMAR SOUZA, A Luta pelo território; historias e memorias do povo Kalunga. Pag 14-20, 2013